

# Será que essa *lhe* é mesmo superior?<sup>1</sup>

Caterina Koltai<sup>2</sup>

## Resumo

O tema da amizade, ainda que ocupe um lugar fundador no nascimento da psicanálise, foi pouco trabalhado pelos analistas. Esse artigo se propõe a ver o que essa disciplina deve à amizade e se perguntar se não haveria uma semelhança importante entre a ética da psicanálise e a da amizade, principalmente no caso de pessoas que passaram por situações traumáticas históricas. Palavras-chave: psicanálise; amizade; transferência; ética; trauma.

Meu interesse por esse tema é antigo e não é a primeira vez que desejo me debruçar sobre ele, mas algo sempre me impediu de fazê-lo, fato este que evidentemente não tinha como não me intrigar. De início pensei que minhas dificuldades com esse tema, que me atraía e me calava ao mesmo tempo, provinham do quase monopólio que a filosofia parecia ter sobre ele, uma vez que desde a mais remota Antiguidade os filósofos nunca cessaram de se debruçar sobre esse tema e – de Platão a Cícero, passando por Aristóteles e Plutarco – todos pareciam concordar de que a experiência da amizade não só era essencial para o conhecimento de si próprio como vivenciá-la era um raro prazer ao qual só os homens sábios e virtuosos tinham acesso.

Não por acaso Miguelez (2010) nos lembra que a concepção que os antigos gregos forjaram da amizade é um dos mais belos legados que fizeram ao Ocidente, principalmente se tivermos em mente que a palavra *philia*, em grego, além de designar uma certa atração para com o semelhante, se vincula também com a necessidade de alojar o estrangeiro. Dito em outros termos, na concepção grega da amizade confluem duas forças opostas: o semelhante e o estrangeiro.

Ortega (2002), em sua trilogia sobre a amizade, salientou que – ao longo do século XIX, após um período no qual a hegemonia da família nuclear acarretou um declínio da reflexão sobre as práticas da amizade – o tema vem sendo retomado em

1 *Língua*

“Gosto de sentir a minha língua roçar | A língua de Luís de Camões | Gosto de ser e de estar | E quero me dedicar | A criar confusões de prosódia | E uma profusão de paródias | Que encurtem dores | E furem cores como camaleões | Gosto do Pessoa na pessoa | Da rosa no Rosa | E sei que a poesia está para a prosa | Assim como o amor está para a amizade | E quem há de negar que esta *lhe* é superior | E quem há de negar que esta *lhe* é superior | E deixa os portugueses morrerem à míngua | Minha pátria é minha língua | Fala Mangureira | Flor do Lácio Sambódromo | Lusamérica latim em pó | O que quer | o que pode | Esta língua.” (Caetano Veloso).

2 Socióloga, psicanalista, professora da graduação e pós-graduação da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP. Autora dos livros *Psicanálise e Política. O Estrangeiro e Totem e Tabu, um mito freudiano*.

nossa modernidade principalmente por filósofos que se dedicaram a pensar o fenômeno totalitário e que os levou a se debruçar sobre os fundamentos de um laço social capaz de nortear o convívio democrático dos indivíduos em sociedade. Entre esses merecem destaque Arendt, Foucault e Derrida.

A esses três eu acrescentaria Aganbem (2007), não só pelo fato dele ter escrito em 2007 uma pequena joia sobre esse tema, mas principalmente pela ajuda que ali encontrei ao ler que a relação entre a amizade e a filosofia era tão íntima e profunda que ela inclui o *philos* (o amigo) em seu nome, sem deixar de acrescentar que tal proximidade, de certo modo excessiva, impedia a filosofia de dar conta do tema, teorizando de fato a amizade. Foi essa sua afirmação, de que uma proximidade grande demais poderia funcionar mais como empecilho, que me decidiu a parar de postergar meu interesse pelo tema e ir ver mais de perto o que a psicanálise tinha a dizer sobre ele, visto que sempre me intrigou o fato da psicanálise – que aborda incessantemente o amor, ódio e o amódio – ter trabalhado tão pouco esse sentimento que não só ocupou um lugar tão importante na vida de Freud, como podemos comprovar pela correspondência que manteve basicamente com Fliess, mas também com outros, como podemos afirmar sem medo de nos enganar que ela está na origem da própria invenção da psicanálise.

Com o tema me rondando cada vez mais, me deparei com um livro recente de Pontalis, *Le songe de Monomotapa* (2009), no qual ele relata que o Comitê de redação da *Nouvelle Revue de Psychanalyse* pensou em mais de uma ocasião fazer um número especial sobre a amizade, mas que por uma razão ou outra isso nunca aconteceu. A dificuldade parecia não ser só minha e, sabê-la compartilhada me deu o impulso final para tentar escrever alguma coisa a respeito.

Abordar a questão da amizade através da psicanálise faz com que nos deparemos, como lembra Monique Schneider (2007), com um curioso paradoxo, pois embora não seja um tema que se ofereça de imediato à elaboração analítica, ela não só ocupa um lugar fundador no nascimento dessa disciplina como é possível afirmar que ela foi sua terra natal.

A amizade é um sentimento forte, afirmam os editores da revista *Libres cahiers pour la psychanalyse* (2009) no número especial dedicado a esse tema, no qual defendem a ideia de que a amizade é um sentimento capaz de unir dois seres engajados num trabalho de pensamento próximo, ainda que não necessariamente similar, e que, em várias ocasiões, foi capaz de abrir um espaço psíquico do qual pôde nascer um pensamento, uma obra, ao mesmo tempo em que desempenhou um papel de suma importância na vida de dois pensadores cuja obra foi revolucionária em relação às ideias de seu tempo: Montaigne e Freud. Ainda que a amizade entre Freud e Fliess tenha sido escrita no presente, enquanto a de Montaigne e La Boétie, o foi no *après-coup* do luto e da ausência, em ambos os casos ela foi capaz, segundo esses

autores, de abrir um espaço psíquico do qual pôde nascer um pensamento, uma obra. Nas palavras de Josiane Rolland, a amizade não só desempenhou um papel de suma importância nas vidas de Montaigne e Freud como lhes permitiu aceder, e nos fazer aceder, a uma nova visão de mundo, alargando os limites do pensamento. Suas obras transformaram o mundo, assim como a amizade os transformou, e é nisso que reside sua força de subversão.

A relação de Freud e Fliess escrita na trama de uma amizade exclusiva e apaixonada, que de certo modo acabou com as fronteiras entre o eu e o outro, nos fornece importantes informações quanto ao entrecruzamento da vida pessoal e da vida criadora, permitindo-nos aceder a gênese do pensamento e da invenção freudianos pois foi graças a ela que Freud pôde inventar e esboçar o enquadre do processo analítico. As cartas que trocaram ao longo dos anos constituem o primeiro texto psicanalítico e fazem de Freud o primeiro psicanalista, ao mesmo tempo que representam o lugar onde se travou o diálogo dessa amizade. O laço que Freud e Fliess estabeleceram entre si, afirma Schneider no artigo já citado, tem uma estrutura baseada numa escolha anaclítica de objeto que permitiu uma superposição entre duas dimensões do humano – a da vida e a do espírito – e entre duas disciplinas – a biologia e a psicologia.

Freud e Fliess se conheceram em outubro de 1887, na casa de Breuer. O encontro foi marcante para ambos, e não me parece exagerado afirmar, como faz Rolland, que a amizade nasceu da fidelidade a essa emoção inicial partilhada. Menos de um mês depois desse primeiro encontro, Freud escrevia a seu muito honrado colega Fliess para lhe dizer o quanto esse encontro o havia impressionado e o quanto desejava poder dar continuidade a esse relacionamento. Foi nesse momento que a invenção da psicanálise começou a ser gestada. Muito rapidamente Fliess se tornou o confidente e depositário dos pensamentos mais preciosos de Freud, aquele a quem ele passou a comunicar todos seus trabalhos, hipóteses e ideias. Foi enquanto interlocutor científico que Fliess se tornou único para Freud, como é possível constatar inclusive pelas transformações na maneira de Freud se dirigir a ele. Se a primeira carta foi endereçada, como lembra Pontalis em seu livro, ao “muito honrado colega” e assinada por “vosso Sigm Freud”, o honrado colega rapidamente se tornou meu caro amigo, meu amigo bem amado, e as cartas terminariam por um singelo “teu Sigm”.

A necessidade interna de se dirigir a um amigo com o qual pudesse partilhar suas aspirações e valores parece ter sido uma necessidade constante na vida de Freud, tanto que numa carta escrita para Marta em 25 de setembro de 1882, portanto ainda nos tempos do namoro, podemos ler: “Você ainda entenderá que a bem amada pode se alçar ainda mais alto e se tornar uma amiga” (Freud, 1873-1939/2003, p. 40). É bem sabido que para uma amizade poder se constituir é preciso tempo e disposição, e tudo indica que na sua relação a Fliess não faltou a Freud nem uma coisa nem outra, visto que este se tornou, em pouquíssimo tempo, esse amigo eleito, exclusivo e

privilegiado, do qual Freud sempre reconheceu precisar, como podemos constatar na carta 113 de 17 de dezembro de 1896 na qual escreve: “não posso abrir mão do outro, e é você que é o único outro, o alter...” (Freud, 1896). O intercâmbio intelectual entre ambos parece ter sido tão indispensável a Freud que nessa mesma carta podemos ler Freud confessando a Fliess o quando se alegrava por “ter compreendido onze anos atrás que era preciso te amar para engrandecer o conteúdo de minha própria existência”.

Suas declarações não param por aí. Numa carta posterior, apontada por Josianne Rolland no artigo já mencionado, poderemos ler Freud confessando a Fliess que ninguém seria “capaz de se substituir a ele, na relação com o amigo que exige um lugar – talvez feminino”. E eu me pergunto: não é no auge do amor que costumamos afirmar que você é meu único outro?

Não haveria então nenhuma diferença entre amizade e amor? Creio que há sim, mas para precisá-la devo avançar mais um pouco. Por hora me contento em ressaltar que a aliança que Freud e Fliess estabeleceram entre si não foi apenas a de duas pessoas que partilhavam uma mesma tradição cultural, tinham os mesmos gostos literários e eram igualmente fascinados pela pesquisa e especulação intelectual, como também foi o encontro de dois incompreendidos que, ao enveredarem na exploração das zonas sombrias, acabaram se deparando, ainda que por caminhos opostos, com a bissexualidade humana. Esse fato levou Granoff (1976) a afirmar que, se num primeiro momento foi a bissexualidade que os uniu, anos mais tarde será ela que os separará, quando Freud – após um longo período de resistência – foi obrigado a reconhecer essa verdade escandalosa do inconsciente, a de que uma mesma pessoa pode despertar concomitantemente amor e ódio, amizade e inimizade. Na mesma ocasião, ele também se deu conta que, assim como a escolha amorosa, a do amigo é também guiada por restos incestuosos das primeiras paixões. Aliás, Freud deixa isso claríssimo na *Interpretação dos Sonhos* (1900/2003) onde podemos ler o seguinte:

minhas ternas amizades, assim como minhas inimizades com meus contemporâneos remontam às minhas relações na infância com um sobrinho, um ano mais velho do que eu ... Todos os meus amigos foram, num certo sentido, reencarnações dessa primeira figura ... sempre fui capaz de me reabastecer de ambos (amigos e inimigos) e frequentemente a situação ideal da infância foi reproduzida de forma tão completa que amigo e inimigo reuniram-se num único indivíduo. (p. 533)

A relação de amor/amizade que uniu Freud a Fliess tem todas as características do amor, de um amor de transferência onde Fliess, sem que o soubesse, serviu de analista a Freud, o que permitiu a Pontalis afirmar que essa relação, assim como

costuma acontecer numa análise, permitiu o encontro de dois humanos que juntos embarcaram rumo ao desconhecido. Nessa viagem, um dos passageiros necessitou de um único outro, um alter, ao mesmo tempo íntimo e estrangeiro, para que pudesse aceder à sua própria alteridade, àquilo que ignorava de si próprio e ao que estava assujeitado.

A relação exclusiva e passional entre ambos terminou com uma ruptura em 1906 e, ainda que com o passar do tempo Freud tenha estabelecido outras relações privilegiadas com outros interlocutores – entre os quais merecem destaque Jung, Ferenczi, Silberstein e Pfister – a nenhum desses ele escreveu, e nem poderia, que ele era seu único outro, seu alter. Se não há dúvida de que a ilusão de complementaridade está na base de muitas relações amorosas, ela certamente esteve presente na relação que deu origem a psicanálise, fato que não se repetiu com as demais amizades freudianas. A correspondência com Pfister, por exemplo, com o qual Freud se relacionou durante anos, pode ser lida segundo Manhes (2009) como uma correspondência entre amigos sobre a amizade, um diálogo entre iguais onde foi possível para ambos levar em conta a igualdade na diferença. Na opinião deste autor, a relação que esses estabeleceram entre si prova que, assim como o poder político, a amizade também se define menos pela conquista quanto por sua conservação e que sua existência depende das dificuldades que é capaz de superar.

Aliás, é aí que reside, em minha opinião, uma das principais diferenças entre o amor e a amizade, pois ao contrário do amor que cria seu objeto e deseja sua posse visando à plena satisfação, a amizade não visa à plenitude e ainda que se espere muito de um amigo, este semelhante diferente, certamente não se espera tudo dele, pois aceitamos que a amizade não precisa ser perfeita.

Após esse longo preâmbulo, onde tentei evidenciar o que a psicanálise deve à amizade enquanto sentimento tecido em torno de coisas essenciais que transformam a vida, gostaria de dar um passo a mais e ver o lugar que ela ocupa para pessoas envolvidas numa luta comum e, principalmente, para aquelas que estão ou foram expostas a situações extremas, pois tenho a impressão que em algumas dessas situações o lugar do amigo se aproxima do lugar do analista. É, pelo menos, a impressão que tive ao ler alguns livros conhecidos por literatura de testemunho, dentre os quais escolho como emblemáticos Primo Levi e Robert Antelme, e na obra de alguns analistas que vêm se debruçando sobre os efeitos dos traumas históricos sobre o sujeito, dentre os quais Françoise Davoine e seu marido Max Gaudillère, e Sidney Stuart.

Em *Trégua* de Primo Levi (1997) encontramos o pequeno Urbinek, descrito como:

um nada, um filho da morte, um filho de Aushwitz, aparentava três anos aproximadamente, ninguém sabia nada a seu respeito, não sabia falar e não tinha

nome: aquele curioso nome de Urbinek, fora-lhe atribuído por nós, talvez por uma das mulheres, que interpretara com aquelas sílabas uma das vozes inarticuladas que o pequeno emitia, de quando em quando. ... As palavras que lhe faltavam, que ninguém se preocupava em ensinar-lhe a necessidade da palavra, tudo isso comprimia seu olhar com urgência explosiva: era um olhar ao mesmo tempo selvagem e humano, aliás, maduro e judicante, que ninguém podia suportar, tão carregado de força e de tormento. (pp. 28-29)

Esse desejo de palavra que espera ser ouvido o foi de fato por Heneke, um jovem húngaro de quinze anos que passou os dias anteriores à morte de Urbinek ao seu lado. Foi sua presença amiga ao lado de Urbinek, mais materna do que paterna, nas palavras de Levi, que possibilitou ao menino pronunciar uma palavra que, por mais incompreensível que fosse, todos se esforçaram em decifrá-la. Tudo isso para salientar que foi graças aos cuidados dispensados por Heneke, como salienta em seu artigo Blevis (2001), que Urbinek conseguiu entrar na linguagem. E eu me pergunto: essa presença amiga de Heneke ao lado de Urbinek que lhe permitiu aceder à palavra não corresponde a algo que seria a função do analista?

Algo da mesma ordem pode ser lido em *L'espèce humaine* de Antelme (1957) quando ele insiste na importância da função amizade e do respeito que se desenvolve em tais situações pelo outro semelhante. Diz ele:

Não esquecemos que a história de cada um se faz através da necessidade de ser reconhecido sem limite: a amizade designa essa capacidade infinita de reconhecimento....Reconhecer o outro é o soberano bem e não uma saída qualquer. (p. 51)

Um ano antes de se pôr a escrever o livro, ao retornar de Dachau em 1945, Antelme manteve uma importante correspondência com seu amigo Dionys Mascolo a qual, mais do que uma correspondência que fala sobre os campos, é um testemunho de (re)nascimento de um ser que aos poucos vai voltando à vida, justamente graças à presença amiga de Mascolo, que funcionou como o outro garantidor da alteridade. Mascolo assumiu para Antelme a função de testemunha do testemunho, função que Waintrater (2005) descreve como “intermediária e provisória, mas indispensável e que se produz no encontro do corpo próprio de Antelme e o eu do outro” (p.103). Sempre segundo ela, Mascolo, em sua função de testemunha da testemunha esteve totalmente investido de uma função empática materna, como é possível constatar nas palavras de Antelme que lhe escreveu: “E a você que eu escrevo em primeiro lugar, pois quero que você possa entreter em você ... o maravilhoso sentimento de ter salvado um homem” (p. 103). Não por acaso, Waintrater afirma que encontramos nessas palavras de Antelme as marcas da gratidão, já que o salvado

guarda eternamente a imagem do salvador, gratidão que se aparenta ao sentimento amoroso, incrível intimidade entre dois seres ligados para sempre.

Será que não podemos dizer que a presença amiga de Mascolo funcionou nesse momento como uma função analítica que pôde ouvir sem julgar e sustentar a palavra do amigo permitindo-lhe voltar a vida? E essa gratidão que ele sente pelo amigo não seria semelhante àquela que um analisando pode sentir por seu analista no final de um processo analítico? Creio que sim.

E é o que leio na obra de alguns analistas que vem se interessando pelas relações que se estabelecem entre traumatismo psíquico e catástrofes da História. Entre esses gostaria de chamar a atenção para os trabalhos de Nathalie Zaltzman (2007) e principalmente para os de Françoise Davoine e Marx Gaudillère (2006) e Sidney Stuart (2009).

Davoine e Gaudillère, em *Histoire et trauma*, livro que escreveram a quatro mãos, e que tentei resumir num artigo anterior (Koltai, 2010), postulam a ideia de que toda catástrofe na ordem doméstica ou orgânica corresponde a uma perda de confiança na certeza das leis que regem os humanos, de modo que as desordens profundas na articulação do simbólico com o imaginário deixam o campo aberto para a falta de ligação própria ao real. O trauma, segundo eles, reduz o indivíduo a uma interioridade invadida pela angústia do nada. Ao se tornar coisa entre as coisas o sujeito se vê condenado à solidão, a uma ruptura absoluta de todos os laços comunitários e culturais e nada na cultura contemporânea se oferece para ajudar a reintegrar a vítima ao mundo dos vivos, a não ser, de certo modo, a psicanálise que tem o mérito de ser a única disciplina que tenta encontrar o ponto de ruptura de um antes, onde fantasma e sonho ainda tinham seu lugar.

Se uma das saídas do traumatismo é a adesão a ideologias que tem por palavra de ordem a erradicação da memória, é importante notar que os sintomas traumáticos são por sua vez o sinal de uma memória por demais presente. Nessas situações o lugar transferencial do analista não pode ser o mesmo que ele ocupa na neurose, uma proximidade maior se torna necessária, mas que nada tem a ver com a convivialidade e sim com o tato ao qual Freud se referia, de certa forma excepcional. Os autores ilustram este lugar através de Jonathan Say que, em seu livro *Achilles em Vietnam*, descreve o lugar que, em tempos de guerra, um soldado ocupa para outro soldado e ao qual ele nomeou de *keeper of the mind*. Os afetos que animam essa relação transcenderiam os do amor *stricto sensu*, e nos situaríamos no campo daquilo que aquele autor chamou de espaço terapêutico e que só pode ser entendido por aqueles que se interessaram pelos laços que a guerra favorece ou amputa. Como dizia Bion, se a morte do amigo é um tema recorrente na boca dos veteranos de todas as guerras é porque o combate favorece, entre os que lutam lado a lado, uma paixão do cuidado

pelo outro, seja ele físico ou psíquico, que equivale ao das relações familiares mais precoces e profundas.

O combate apaga, de certo modo, as diferenças entre o eu e o outro, e quando o amigo morre é frequente ouvir – eu que deveria ter morrido. A morte de um amigo deixa o sobrevivente como uma metade incurável enquanto o desaparecido não receber sepultura, condição necessária, ainda que não suficiente para a restauração do laço social. Não por acaso alguns sobreviventes só encontraram saída no suicídio. Aqui, a palavra grega *philia* indica um laço incondicional, onde só os amigos podem compreender aquilo que os outros, por não terem vivido a experiência, não têm como compreender. Essas relações podem ser tão intensas que a palavra fica até difícil de ser traduzida, uma vez que é mais e outra coisa do que a amizade ou o amor, é um sentimento tecido nesse campo do Real, do qual dificilmente nos aproximamos em tempos normais.

E a isso que se refere também o helenista Gregory Nagy, também citado por Davoine e Gaudillère, em seu livro *La poésie en acte*, onde descreve a epopeia como sendo um conjunto de relatos de antigos combatentes endereçados em primeiro lugar a outros *philoï*, ou seja a outros ex-combatentes ou seus descendentes, pois só eles podem saber do que se trata tendo partilhado esse terrível saber sobre o Real. Esse saber é um sim incondicional que põe em movimento o sobrevivente e a transferência – transferência peculiar, de proximidade – sem a qual nada pode ser dito do trauma, uma vez que essas situações de proximidade terapêutica consistem no uso recíproco das reminiscências do contato com o real. E é nesse ponto que Davoine e Gaudillère fazem o interessante comentário de que face ao impossível onde desaparece, o sujeito tenta desesperadamente fabricar um outro. E quando as bocas não podem mais falar, as pedras se põe a gritar. Reduzir tais fenômenos a uma mera alucinação auditiva não está a altura dos desafios colocados, sempre de ordem histórica, social e política.

O outro livro ao qual me referi, *Mémoire de l'inhumain* de Sidney Stewart (2009), é um livro composto de duas partes distintas, sendo que a primeira é um relato de suas vivências enquanto jovem combatente americano da Guerra do Pacífico, quando foi feito prisioneiro pelo exército japonês, e exposto, a uma série de atrocidades e humilhações, nos campos de prisioneiros das Filipinas, Japão e Coreia. Único sobrevivente de seu campo, ao retornar aos Estados Unidos, escreveu *Give us the Day* tanto para homenagear seus companheiros de sofrimento quanto para tentar entender como os seres humanos se esforçam em viver e sobreviver em condições inumanas extremas, perguntando-se até onde um humano pode ir sem perder sua humanidade constitutiva. A questão central de seu livro é justamente essa, a causalidade psíquica da sobrevivência.



Quarenta anos mais tarde, depois de ter se tornado analista, foi solicitado a escrever uma introdução para a reedição de seu livro que, diga-se de passagem, passou despercebido quando de sua primeira publicação. Afirmo que nesse momento se deparou com um verdadeiro problema no que diz respeito às duas pessoas em questão: o jovem que começou a escrever esse livro em 1946, enquanto se restabelecia num hospital do exército americano, e o homem que envelhecera e tentava voltar a sentir as impressões do jovem que fora um dia. *Give us the Day*, nos diz Poret – a quem devemos o pós-fácio do livro – é o livro de um psicanalista em devir, ainda que tenha sido escrito por um soldado desmobilizado.

O livro é uma pequena joia sob inúmeros aspectos, mas o que quero ressaltar aqui é o lugar que ele atribui à amizade. Ao falar da sobrevivência em situações extremas, ele é taxativo ao dizer que sem a ajuda de um amigo é impossível fazer face a elas. É à amizade que ele atribui a possibilidades de sobreviver num campo de concentração, uma vez que ninguém consegue suportar tratamentos inumanos sem a ajuda de um amigo. Nos momentos de maior desamparo, quando a pessoa sente que vai sucumbir à dor, basta uma mão ou um abraço para se sentir novamente humano. O amor tímido que existe entre os homens, ao qual damos o nome de amizade, é necessário a sobrevivência.

A segunda parte do livro é constituída por relatos de sua clínica, de sua prática audaciosa com pacientes que, como ele, sofreram importantes traumatismos – entre eles uma renomada cientista judia, sobrevivente de um campo de extermínio, que vai procurá-lo com uma queixa precisa: estava perdendo a memória, ou melhor, temia perdê-la. Durante um bom tempo, afirma o autor, a análise patinou e nada aconteceu, até o dia em que Stewart teve um sonho contratransferencial<sup>3</sup> de sua própria experiência nos campos e sonhou com um antigo colega que, ao ver seu melhor amigo à beira da morte, roubou sua comida e o deixou morrer para conseguir sobreviver. Depois de deixar claro que em outros casos prevaleceu o sacrifício de si, pois se assim não fosse, ninguém teria sobrevivido, lembra que nesses casos não podemos deixar de levar em conta a culpa do sobrevivente. Após muito hesitar, conta seu sonho à paciente provocando nela uma explosão de lembranças, pois seu medo de lembrar era tão grande que estava destruindo sua memória, e o que tentava esquecer era, justamente, o fato que ela tinha sobrevivido no lugar de sua mãe e irmã.

Com esse exemplo de sua clínica posso começar a concluir. Tenho a impressão que alguns pacientes que viveram o traumatismo das guerras, deportações, campos de extermínio e ditaduras passam muitas vezes anos em análise sem querer ou conseguir tocar no assunto, seja porque desejam deixar para trás de uma vez por

---

3 Sei que o conceito é polêmico e não pretendo discuti-lo aqui. Uso-o apenas por ser o conceito utilizado pelo autor.

todas esse momento da vida, seja porque não encontraram ninguém que julgassem capazes de poder escutá-los. Como diz Blévis no texto já mencionado:

aqueles que encontram alguém a quem realmente falar, os traumatismos históricos se revelam sempre, no *après coup*, duplamente traumáticos. Elas obrigam a vítima a isolar uma parte de sua vida psíquica a uma fragmentação ou clivagem. (2001, p. 175, tradução livre da autora)

Para muitos destes a análise não consegue ser o lugar de uma transmissão e eu me pergunto se isso não pode ter a ver com a posição do analista, que em tais casos precisa, a meu ver, tomar parte mais ativa na análise para que o paciente possa reencontrar ali a solidariedade que um dia lhe permitiu sobreviver. Nesse sentido o analista não pode se ater apenas a esperar as associações do paciente, o que não significa, nem de longe, abandonar a assim chamada neutralidade do analista. Significa apenas que ele precisa comparecer com sua presença amiga, pois concordando com Cady (2001) quando ele afirma que tal postura não evita o trabalho analítico, apenas permite realizá-lo de outra maneira, introduzindo aí não uma simetria igualitária, mas uma mutualidade onde trata-se de acolher a alteridade do outro sem querer modificá-lo, até porque não existe aí nenhuma novidade ao afirmarmos que aceitar alguém em análise implica aceitar se engajar por ele, dispondo-nos a disponibilizar nosso psiquismo para acolher o do outro. E é nesse sentido que creio poder afirmar que a ética da psicanálise e da amizade se encontram.

E só para terminar gostaria de retomar aqui as palavras de Cresta (2007), numa resenha que fez do livro de Annie Franck *Beautés et transferts*, quando ele lembra que a psicanálise é uma questão de transferência, e esta, queiramos ou não, é uma questão de amizade, de uma grande amizade como tentei mostrar no início deste artigo.

¿Sera que ella le es realmente superior?

Resumen: El tema de la amistad, a pesar de ocupar un lugar fundador en el nacimiento Del psicoanálisis, ha sido poco trabajado por los analistas. Este trabajo se propone a examinar lo que esta disciplina debe a la amistad y preguntar se si no habría una semejanza entre la ética Del psicoanálisis y de la amistad principalmente en el caso de personas que pasaran por situaciones históricas traumáticas.

Palabras clave: psicoanálisis; amistad; transferencia; ética; trauma.

Is it really superior?

Abstract: The theme of friendship, though occupying a fundamental place in the founding of psychoanalysis, has been little used by analysts. This article intends to look at what this discipline owes to friendship and to ask if there would be an important similarity between the ethics of psychoanalysis and friendship, especially for individuals who have survived traumatic historical situations.

Keywords: psychoanalysis; friendship; transfer; ethics; trauma.

## Referências

- Aganbem, G. (2007). *L'amitié*. Paris: Payot.
- Antelme, R. (1957). *L'espèce Humaine*. Paris: Gallimard.
- Blevis, J. J. (2001). Reste à transmettre. Le rêve traumatique de Primo Levi. *Figures de la psychanalyse*, 1 (6), 173-189.
- Cady, P. (2001). Amitié et psychanalyse, une étique commune. *Conjonctures*, 32, 39-44.
- Cresta, M. (2007). Resenha do livro Annie Frank, Beautés et Transferts, Hermann. Psychanalyse, [www.oedipelesalon.com](http://www.oedipelesalon.com).
- Davoine, F. e Gaudillère, M. (2006). *Trauma et histoire*. Paris: Stock.
- Freud, S. (1979). *Correspondance, 1873-1939*. In S. Freud, *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1931-1932)
- Freud, S. (2003). *L'Interprétation des Rêves*. In S. Freud, *Oeuvres complètes*. (Vol. 4). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1899)
- Granoff, W. (1976). *La pensée et le féminin*. Paris: Flammarion.
- Koltai, C. (2010). Memórias do inominável. In C. Koltai, *Trauma, memória e transmissão*. São Paulo: Primavera Editorial.
- Levi, P. (1997). *A trégua*. São Paulo: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1958)
- Manhes, G. (2009). La puissance de l'amitié. *L'amitié. Libres Cahiers pour la Psychanalyse*, 19. Paris: In Press.
- Migueluez, L. V. (2010). *Astillas en el tiempo*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Ortega, F. (2002). *Genealogias da amizade*. Rio de Janeiro: Iluminuras.
- Pontalis, J.B. (2009). *Le songe de Monomotapa*. Paris: Gallimard.
- Rolland, J. (2009). L'unique autre. *Libres cahiers pour la psychanalyse*, 19. Paris: In Press.
- Schneider, M. (2007). Entre l'objet et le témoin, l'ami. *Revue Adolescence*, 3 (61). Paris: L'Esprit du Temps.
- Stuart, S. (2009). *Mémoire de l'Inhumain*. Paris: Campagne Première.
- Waintrater, R. (2005). Dès lumières à l'obscurité: Robert Antelme et Jean Améry, deux Itinéraires. *Topique*, 3 (92) 95-110. Paris: L'Esprit du Temps.
- Zaltzman, N. (1999). *La résistance de l'Humain*. Paris: PUF.
- Zaltzman, N. (2007). *L'esprit du mal*. Paris: De l'Olivier.

Caterina Koltai  
Rua Tupi, 365, ap. 41  
01233-001 São Paulo, SP  
Tel: 011 3589-0662  
[catykoltai@yahoo.com.br](mailto:catykoltai@yahoo.com.br)

